

LINGUASAGEM

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE CONSTRUÇÕES INSUBORDINADAS COM *NEM QUE* E *NEM SE* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Amanda de Lira Santos¹
Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale²

RESUMO

Neste artigo, analisam-se orações insubordinadas prefaciadas pelos conectivos *nem que* e *nem se* no português brasileiro. Em consonância a Evans (2007), as orações insubordinadas representam um fenômeno linguístico regular em diversas línguas no qual são enquadradas construções que, apesar de possuírem uma marca formal de subordinação (como a conjunção), não se articulam sintaticamente a uma oração nuclear. Os dados que compõem o *corpus* desta pesquisa foram retirados do *Corpus do Português* e analisados qualitativamente a partir dos parâmetros de condicionalidade propostos por Dancygier (1998) e do conjunto de funções pragmáticas elencadas por Evans (2009), Hirata-Vale (2015) e Martínez Caro e Alba-Juez (2021). Os resultados alcançados revelam diferenças quanto ao emprego de tempos verbais específicos para cada conectivo e quanto à manutenção dos parâmetros de condicionalidade, além de evidenciarem a convencionalização das construções para a expressão de avaliações emocionais positivas e negativas.

PALAVRAS-CHAVE: Insubordinação; Condicional-concessivas; Conectivos; Gramática de Construções; Sintaxes.

ABSTRACT

This article analyzes in subordinate clauses prefaced by the connectives *nem que* and *nem se* in Brazilian Portuguese. According to Evans (2007), subordinate clauses represent a regular linguistic phenomenon in several languages which includes constructions which, despite having a formal mark of subordination (such as a conjunction), are not syntactically articulated to a nuclear clause. The data that makes up the *corpus* of this research was taken from the *Corpus do Português* and qualitatively analyzed using the parameters of conditionality proposed by Dancygier (1998) and the set of pragmatic functions listed by Evans (2009), Hirata-Vale (2015) and Martínez Caro and Alba-Juez (2021). The results show differences in the use of specific verb tenses for each connective and in the maintenance of conditionality parameters, as well as the conventionalization of constructions for the expression of positive and negative emotional evaluations.

KEYWORDS: Insubordination; Conditional-concessives; Connectives; Grammar of Constructions; syntax.

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de São Paulo – FAPESP (2024/08219-6). E-mail: amanda.lira@estudante.ufscar.br.

² Professora associada da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. E-mail: flaviahiratavale@ufscar.br.

Introdução

A temática de que se ocupa este artigo integra um vasto conjunto de tentativas de descrição de fenômenos que, embora sejam atestados em diversas línguas, sob diferentes óticas, ainda impõem numerosos desafios teóricos e metodológicos. De um lado, a herança clássica que perpassa os manuais gramaticais tradicionais das línguas românicas estabelece definições categóricas para a dicotomia *subordinação* e *coordenação* e, por conseguinte, dos subtipos oracionais que integram cada um desses grupos. De outro lado, os estudos linguísticos, sobretudo aqueles de inclinação funcionalista, têm se dedicado a propor reavaliações para as áreas limítrofes destas categorias gramaticais, entendidas como *continua* flexíveis moldados pelo uso da língua.

No plano da articulação de orações, diversas são as propostas que demonstram a variabilidade de maneiras pelas quais os complexos oracionais podem estabelecer conexões entre si, a nível interoracional, ou mesmo conectarem-se a porções textuais maiores, a nível textual-discursivo (Halliday, 1995; Hopper; Traugott, 1993; Decat, 1993; Neves, 2011). A totalidade desses trabalhos evidencia que as definições estanques para estss tópicos gramaticais não são capazes de abrigar a dinamicidade de meios pelos quais o falante pode moldar as formas linguísticas para atingir aos seus propósitos comunicativos. Nessa mesma linha, o trabalho pioneiro de Evans (2007) discute a respeito de estruturas que, embora recorrentes na língua, são comumente marginalizadas nas gramáticas:

(1) *If* you could just sit here for a while please

Se você puder sentar aqui por um momento por favor

Consoante o autor, essas orações exibem marcas formais típicas de orações subordinadas, como a presença de uma conjunção subordinativa (*if*), mas apresentam-se desvinculadas de uma oração principal e são sintaticamente independentes, critério responsável pelo rótulo *insubordinadas*, cunhado pelo autor em referência a essas estruturas.

Os estudos sobre o fenômeno de insubordinação integram um numeroso conjunto de investigações realizadas em diversas línguas, como o inglês, holandês, espanhol e português (Evans, 2007; Mithun, 2008; Gras, 2011; Van Linden; Van Ded Velde, 2014; D'Hertefelt; Verstraete, 2014; Sansiñena; De Smet; Cornillie, 2015; Sansiñena, 2015;

D'Hertefelt, 2015; Hirata-Vale, 2015; 2017; Kaltenbock, 2019; Beijering, 2016; 2017; Wiemer, 2019). Embora esses autores possam discordar quanto aos mecanismos de origem desse fenômeno, são compatíveis à ideia de que a insubordinação é um fenômeno regular que cumpre papéis (inter)subjetivos específicos, a exemplo do controle interpessoal, da modalização e da sinalização de material pressuposto (Evans, 2007).

No português brasileiro, Hirata-Vale (2015) fornece uma descrição de construções condicionais insubordinadas (doravante CCIs) semelhantes àsquelas encontradas por Evans (2007):

- (2) () Ae obrigado pelo comentario espero q tenha gostado !! ow vei tipo assim man ... *se voce puder esperar um pouco* pq o unico q sabe o nome do programa é o GDS q é o josue eu (Agatangelo) sei tbm mais nao lembro então ***se puder esperar uns 2 ou 3 dias ate ele voltar pq ele ta viajando.*** (PB/CORPUS INTERNET) (Hirata-Vale, 2015, p. 58)

Conforme a autora, as CCIs apresentam estatutos sintáticos e funções pragmáticas específicas, tais como a expressão de pedidos, desejos, ordens e ameaças, relacionadas às relações (inter)subjetivas dos falantes, além de um esmaecimento da relação causa/consequência, base do significado condicional. Em (2), a construção insubordinada, não mais estabelece uma condição a ser preenchida, como em casos subordinados prototípicos, tampouco projeta explicitamente um cenário hipotético futuro ou potencial, mas sim serve ao fluxo da interação estabelecida entre falante e interlocutor, a quem destina o pedido pela espera.

König (1986), Hirata-Vale (1999), Bechara (2009) e Neves (2012) apontam para zonas de entrecruzamento entre a condicionalidade e outras nuances adverbiais. Parra (2016), apoiada em König (1986) e Haspelmath e König (1998), sugere que o resultado dessa interação semântica dá origem a construções que podem unir, de um lado, orações subordinadas cujo conteúdo exposto repousa sobre uma hipótese, à semelhança das condicionais prototípicas, e orações nucleares cujo conteúdo é factual, tal qual as concessivas prototípicas, conforme ilustra o exemplo abaixo, retirado de Neves (2011, p. 847).

- (3) ***Mesmo SE*** quisesse não conseguiria trair

Tais proposições, no entanto, contemplam apenas casos de complexos oracionais subordinados prototípicos, compostos por oração nuclear e hipotática, que não se adequam a construções do tipo a seguir:

- (4) A maratona de Timberlake só não foi perfeita tecnicamente porque houve alguns problemas de som. O rapaz se esforçou, dançou para caramba, mostrou mais uma vez que é mesmo de o ramo. # Mas faltou aquele momento-chave que faria com que seu show entrasse para a história. Nem que fosse uma gafe. ***Nem que fosse um tubarão dançando fora de o ritmo*** (18-02-05 BR)
- (5) Meu envolvimento em causas nobres é 100%. Minha vida é essa, não tenho outra realidade. Eu sou pai de família autista com muito orgulho. ***Nem se eu quisesse...*** Meu filho é autista, não tem como esconder, é a minha realidade. Senti que tudo mudou. Vai de como você aceita as missões que a vida te coloca. (19-06-02 BR)

As orações em (4) e (5), acima, apesar de apresentarem um subordinador formal (as conjunções *nem que* e *nem se*), que se inserem em uma proposição hipotética contrafactual, marcada pelo pretérito imperfeito do subjuntivo, exibem, conforme Hirata-Vale (2015) e Lira (2024), traços formais e funcionais idiossincráticos – como o uso de configurações modo-temporais e funções pragmáticas específicas – que as distinguem de suas contrapartes subordinadas prototípicas, vide comparação com o exemplo (3).

Em (3), a oração condicional-concessiva *mesmo se quisesse* estabelece uma condição hipotética contrafactual (a de querer) que, no entanto, não é suficiente para a realização do conteúdo da oração nuclear (conseguir trair). Os usos em (4) e (5), por sua vez, apesar de também apresentarem verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo, como em (3), e uso do verbo querer (ex. 5) não mais instauram uma condição-concessiva, dado que esse sentido primário é, de alguma forma, perdido ou opaco nessas construções.

Balizado pelas proposições acima e pelos pressupostos da *Gramática de Construções*, que entende as unidades linguísticas como um pareamento convencionalizado de forma e função, que se insere em uma rede de nós interconectados, as questões norteadoras deste artigo são (i) Quais são os padrões formais e funcionais que caracterizam as construções insubordinadas com *nem que* e *nem se* no português brasileiro? e (ii) Quais (des)semelhanças entre essas construções e entre elas e suas semânticas de origem?

Para responder a esses questionamentos, este artigo está assim subdividido: na primeira seção, apresentam-se os *Aspectos teóricos* gerais acerca das *construções condicionais insubordinadas* e das *construções condicionais-concessivas* que norteiam esta pesquisa; na segunda seção, descrevem-se os *Procedimentos Metodológicos* empregados para este estudo; na terceira seção, *Análise e discussão dos resultados*, por sua vez, expõe-se os resultados encontrados na investigação proposta para este artigo e, posteriormente, elencam-se algumas *Considerações Finais*.

Aspectos teóricos

As construções condicionais insubordinadas

No português brasileiro, trabalhos como os de Hirata-Vale (2015; 2017), Alves e Hirata-Vale (2021), Coradini (2022) e Comarim (2023) investigam, baseados na proposta de Evans (2007), os padrões de funcionamento das construções condicionais insubordinadas (CCIs) no português. As autoras observam que essas construções apresentam uma gama de sentidos e funções – como modalização deôntica e epistêmica e funções metatextuais – que ampliam a proposta prévia de Evans (2007).

Hirata-Vale (2015) propõe um *continuum* de insubordinação no qual essas orações apresentam graus distintos de independência que comporta, em um polo, orações mais composicionais, de forma e função mais livres (CCIs espontâneas); no polo intermediário, orações com padrões estruturais mais fixos (CCIs construcionais) e, no polo oposto, usos menos composicionais já cristalizados na língua (CCIs formulaicas). No polo funcional, em que se situam os sentidos e funções mais intersubjetivos e discursivos, a autora aponta que as CCIs podem servir a uma variedade de funções (inter)subjetivas, tais como a expressão de ordens, pedidos, ameaças, crenças, avaliações e à organização do discurso, como é o caso das CCIs metatextuais, que expressam significados processuais relacionados ao encadeamento textual.

De uma perspectiva diacrônica, Coradini (2022), por sua vez, ao examinar as construções condicionais insubordinadas com *se* no português, comprova que as ocorrências que utilizavam esse conectivo apresentam, ao longo dos séculos, uma semântica fortemente ligada à expressão deôntica de desejos e à metatextualidade. Nesse sentido, conforme a autora, nas construções metatextuais, a perda de composicionalidade e a consequente construcionalização dessas orações não permite que sejam agrupadas

sob uma mesma construção-mãe, isto é, aquelas que ainda preservam algum traço de condicionalidade e que, portanto, são menos convencionalizadas.

Todos esses trabalhos têm atestado que essas construções expressam significados procedurais, nos termos de Traugott e Dasher (2002), à medida que se especializam por meio de processos inferenciais. Essas construções, assim, distanciam-se de seu significado mais básico — originalmente marcado pela conjunção *se* — e adquirem significados mais pragmaticamente motivados, como a expressão de desejos, de adversidade e de modalização epistêmica.

Embora a literatura acerca dos estudos de cláusulas insubordinadas no português e em outras línguas de origem românica e germânica forneça dados relevantes sobre a descrição deste fenômeno, ainda são incipientes os trabalhos que tratem de outros matizes semânticos adverbiais. De modo mais específico, as orações condicionais-concessivas insubordinadas, foco deste estudo, embora possam receber rótulos distintos a depender da perspectiva teórica empregada – orações independentes (Santos, 2022), desgarradas (Decat, 1993) - ainda não dispõem, no português brasileiro, de uma descrição articular que verifique seu estatuto sintático e suas singularidades formais e funcionais. Além disso, ainda que as pesquisas sobre insubordinação, sobretudo aquelas que visam à descrição de orações condicionais, revelem aspectos importantes dessa categoria, busque-se evidenciar, com este estudo, como a especialização semântica e pragmática dessas estruturas podem levar à formação de novos nós paradigmáticos na rede construcional das construções insubordinadas e distanciá-las de suas categorias-base.

As construções condicionais-concessivas

Os estudos acerca da sintaxe do período composto integram uma tradição analítica que perpassa um sem-número de perspectivas teóricas, desde as mais formalistas e ligadas à lógica, às mais discursivas e interacionistas. De modo mais estrito, as orações condicionais e concessivas eram interpretadas, a partir dessa perspectiva lógica, consoante o preenchimento (no caso das condicionais) ou não (no caso das concessivas) de uma condição veiculada na oração principal. Tais considerações, relacionadas às teorias da implicatura, envolvem o estabelecimento de fórmulas que permitem a dedução do significado e do valor de verdade dessas construções:

Condicionais:

$$p \rightarrow q$$

Concessivas

$$p \wedge \neg q$$

ou

$$p \rightarrow \text{normalmente } \neg q \text{ (Coneglian, 2019)}$$

Os esquemas acima, no entanto, recobrem apenas parte da ampla gama de formas e significados que essas estruturas podem veicular, como é o caso das construções analisadas neste trabalho, as condicionais-concessivas. Conforme König (1986), em uma relação condicional prototípica, a fórmula *se p, então q* licencia a inferência de *se não p, então não q*, que estabelece a chamada *perfeição condicional*. Esse é um traço típico das orações condicionais preditivas, isto é, que estabelecem uma ligação causal entre *p* e *q* que, contudo, não pode ser diretamente aplicada às construções com *even if (mesmo se)*, dado que a admissão de outros valores que mantêm o mesmo resultado, na escala de possibilidades estabelecidas por esse conectivo - ainda que não ocorram -, leva à exclusão da perfeição condicional.

Para Haspelmath e König (1998), as orações condicionais-concessivas podem ser agrupadas em três subtipos: universais, alternativas e escalares. As construções escalares, foco deste estudo são frequentemente tratadas como um subtipo de condicionais, conforme se ilustra respectivamente nos exemplos abaixo:

(6) **Even if** we do not get any financial support, we will go ahead with our project.

Mesmo que não consigamos nenhum apoio financeiro, continuaremos com nosso projeto. (Haspelmath; König, 1998, p. 563)

De acordo com os autores, o que as diferencia de orações condicionais comuns é a natureza da prótase daquelas construções: nas orações condicionais-concessivas, não há uma única prótase, mas sim um conjunto de prótases relacionado a uma apódose, expresso pela seguinte fórmula:

If {a or b or c or d...} then q

Se {a ou b ou c ou d...} então q

Esse conjunto pode ser especificado por uma quantificação sobre uma variável na prótase (universais), por uma disjunção entre uma prótase *p* e sua negação (alternativas)

ou caracterizando a prótase como um valor extremo para a sentença condicional relevante (escalares). Comparadas às orações concessivas prototípicas, por outro lado, Haspelmath e König (1998, p. 567) assinalam que os traços preservados pelas orações condicionais-concessivas é a inclusão de uma circunstância desfavorável no conjunto de prótases relacionados a uma apódose (o pouco ou nenhum suporte financeiro, no exemplo 6), além da factualidade da cláusula principal.

A respeito das construções escalares, a caracterização oferecida por grande parte da literatura sobre essas estruturas está centrada em orações complexas introduzidas pelo conectivo *even if*, para o inglês (Dancygier, 1998; König, 1986), *même si* (Mossberg, 2009), para o francês, e pelos conectivos *mesmo que* e *ainda que*, e *nem que* em português (Fontes, 2016; 2023; Coneglian, 2015; 2019; Santos, 2022).

Dancygier (1998, p. 163) aponta que as construções com *even if* são sempre relacionadas às crenças do falante sobre os vínculos causais que se espera que sejam mantidos, e sugere que não é possível afirmar que as condições concessivas sejam ainda condições:

Portanto, não considero plausível afirmar, como fazem a maioria das análises, que as condições concessivas ainda são condições — extremamente desfavoráveis, mas ainda consideradas suficientes para que *q* aconteça — porque *q* acontece *apesar de p*, não *por causa de p*. É verdade que *q* acontece independentemente de *p* ou *não p*, mas isso não significa que a relação entre *q* e *p* seja a mesma que uma relação assumida entre *q* e *não p* (Dancygier, 1998, p. 164, grifos da autora, tradução nossa³).

Um ponto a ser destacado na proposta de Dancygier (1998) diz respeito à relação estreita entre condição e concessão, observada a partir da comparação entre os conectivos *although* (embora) e *even if* (mesmo se). Para a autora, *even if* compartilha com *although* algumas características, mas difere delas em importantes aspectos: nas *although-clauses*, estabelece-se uma relação de factualidade entre *p* e *q*, de modo que, conforme Haiman (1974), invoca uma assunção/pressuposição negativa que, ao contrário das condicionais, o conteúdo da cláusula subordinada não é relevante para o resultado expresso em *q*, conforme ilustra o exemplo abaixo:

³ Do original: “I therefore do not feel it plausible to claim, as most analyses do, that concessive conditions are still conditions — extremely unfavorable, but still considered sufficient for *q* to happen — because *q* happens *in spite of p*, not *because of p*. It is true that *q* happens whether *p* or *not p*, but this does not mean that the relation between *q* and *p* is the same as an assumed relation between *q* and *not p*” (Dancygier, 1998, p. 164, grifos da autora).

(7) **Although** Max will come, we'll have fun.

Embora Max venha, nós iremos nos divertir.

Em (7), a leitura sugerida é a de que a presença de Max poderia estragar a diversão, que, no entanto, não pode ser interpretada causalmente, conforme Dancygier (1998). Nas sentenças com *even if*, por outro lado, há dois aspectos inerentes à sua caracterização: a não-assertividade da cláusula em seu escopo e a suposição de que há uma relação condicional em algum domínio cognitivo que relaciona a cláusula *if* com sua apódose. Nesse sentido, a principal distinção entre as orações com *although* e com *even if* diz respeito à factualidade presente nas primeiras e à potencialidade das últimas:

(8) **Even if** it rains, the match will not be canceled.

Mesmo se chover, a partida não será cancelada.

No exemplo em (8), a sentença introduzida por *even if* está no topo da escala de expectativas negativas e a relação estabelecida entre as cláusulas é preditiva (e, por isso, causal), uma vez que normalmente seria esperado que a chuva pudesse causar o cancelamento do jogo, fato que, no entanto, não se concretiza, já que o jogo acontecerá independente da presença ou não da chuva. Desse modo, diferentemente das condicionais típicas, *p* (a chuva) não é uma condição para *q*, mas sim uma condição esperada para *não q*, isto é, a chuva não causou, de fato o não-cancelamento, mas poderia causá-lo.

A fim de oferecer uma descrição mais detalhada da categoria da condicionalidade, que considerasse, para além do significado lógico da tradicional fórmula *se p, q*, critérios gerais que seriam compartilhados entre as estruturas que compõem a zona condicional, Dancygier (1998) propõe um conjunto de cinco parâmetros que permitem a classificação dessas construções. Os parâmetros propostos pela autora são assim nomeados: *causalidade*, *não-assertividade*, *predição*, *construção de espaços mentais hipotéticos* e *postura epistêmica*.

O parâmetro de *causalidade*, que reside na base do significado condicional, pode ser entendido como a relação causal (não preenchida) estabelecida entre a prótase e apódose que se unem para formar a construção condicional complexa.

A respeito do segundo parâmetro, a *não-assertividade*, Dancygier (1998) afirma que, ao utilizar um enunciado condicional, o falante não representa uma realidade, ou seja, não

descreve um estado-de-coisas como factual e, neste caso, “a condicional anuncia uma premissa que pode ser afirmada dentro de determinadas condições, mas que não pode ser afirmada neste enunciado particularmente” (Oliveira e Hirata-Vale, 2017, p. 300). Por outro lado, nas orações concessivas prototípicas, consoante König (1986), a relação estabelecida entre *p* e *q* se dá entre dois conteúdos factuais, de modo que a incompatibilidade entre as duas sentenças é construída a partir da assunção de que ambas sejam verdadeiras.

Também relacionado à criação de conteúdos hipotéticos, o traço de *predição* diz respeito ao fato de que as orações condicionais podem revelar, em suas estruturas, aspectos formais — como o emprego de morfologias verbais específicas — que reforcem a sua capacidade de projetar hipóteses e cenários futuros.

Além das construções verbais presentes nas condicionais, outras marcas formais, como a conjunção utilizada, podem atuar como indicadores em três níveis, de acordo com Dancygier (1998): (a) no nível cognitivo, como um construtor de espaços condicionais; (b) no nível lexical, como um marcador de não-assertividade; e (c) no nível construcional, introduzindo uma das cláusulas de uma construção condicional, conectando *p* a *q*. Como *construtores de espaços mentais*, especificamente, a autora argumenta que as conjunções condicionais podem projetar espaços mentais alternativos que garantem ou asseveram a validade de uma proposição.

Ainda sob um viés cognitivo, Dancygier (1998) aponta, com base em Fillmore (1990), que as orações condicionais podem, por meio do tempo e modo utilizados, sinalizar a *postura epistêmica do falante*, isto é, indicar o tipo de comprometimento que o falante tem com uma proposição. Esse parâmetro, subdividido em postura epistêmica positiva, neutra e negativa, revela que as condicionais, mais do que atuar em domínios lógicos e relacionar condição e consequência no nível de estados-de-coisa, pode também atuar em níveis hierárquicos mais altos, em que se situam os conhecimentos e crenças dos falantes. Lira (2024) analisa as orações condicionais-concessivas prefaciadas por conectivos do esquema [X + Se_{Cond-conc}] no português dos séculos XVIII e XIX e aponta uma característica particular acerca dessas construções. Ao analisá-las em ocorrências instanciadas por *mesmo se*, *ainda se* e *nem se*, a autora constata que essas orações apresentam grande parte dos verbos no pretérito imperfeito e no futuro do subjuntivo e manifestam, em sua maioria, sentido condicional-concessivo, característica já apontada por Hirata-Vale (1999) para as orações condicionais iniciadas por *se*.

Esse resultado é interpretado, conforme Lira (2024), como indício de dois aspectos intrínsecos a esse subtipo oracional, de que: (i) em virtude do surgimento tardio de conectivos concessivos já atestado pela literatura, essa codificação modo-temporal pode ter sido um contexto sensível ao estabelecimento do sentido condicional-concessivo desses juntivos; e (ii) a seleção, por parte do falante, dos tempos e modos que figuram nessas orações pode estar associada à veiculação de diferentes matizes semântico-pragmáticos e à expressão de valores modais epistêmicos, conforme ilustra a ocorrência abaixo:

(9) Enquanto a pobre viúva se desfaz em lágrimas; enquanto na família tudo é luto e desgosto, o bom do filho pensa em casamento e, sem dúvida, prepara as festas do noivado "Não! gritou ele energicamente.

- Isso não *faria* eu, ***nem se me cosessem a facadas!*** Pelo menos, enquanto estiver com esta roupa sobre o corpo.. (18:Azevedo:Pensão) (Lira, 2024, p. 89).

Ao comparar as ocorrências com o conectivo *nem se* àquelas orações iniciadas por *ainda se* e *mesmo se*, Lira (2024) identificou que essas construções apresentam funções intersubjetivas específicas, não encontradas nas construções prefaciadas pelos outros conectivos analisados. Em (9), o falante faz uma afirmação forte (marcada pelo uso do sinal de exclamação) que responde a um possível interlocutor de modo irônico, conforme demonstra a leitura de que ele não *faria* *nem* diante da hipótese (contrafactual/irreal) de ele ser costurado a facadas.

Esse resultado demonstra que, para além da relação semântica básica (condicional-concessiva) desse subtipo oracional, as construções com *nem se* podem servir à manutenção da relação estabelecida entre falante e ouvinte — dada a sua função de réplica indireta — e à marcação de funções do domínio subjetivo do falante, como a ironia e a postura epistêmica negativa. Tais características são codificadas formalmente pela escolha das formas verbais empregadas, fator que, conforme mencionado anteriormente por Dancygier (1998), são determinantes para a especificação das funções realizadas por essas construções.

Especificamente acerca das construções condicionais-concessivas insubordinadas, Albada e Gras (2011) e Martínez Caro e Alba-Juez (2021) realizam uma análise de construções similares àquelas investigadas neste estudo. Com foco na função da partícula *ni*, no espanhol, Albada e Gras (2011) apontam que esse advérbio de foco pode, dentre

outras, integrar uma predicação secundária introduzida por *ni aunque* ou *ni que* que apresenta um argumento que implica uma conclusão contrária àquela presente na apódose, como nas concessivas; e um argumento em termos hipotéticos, traço das construções condicionais, que, por sua vez, implica outros argumentos de menor força argumentativa, motivada pela presença de *ni* (Albeda e Gras, 2011).

Para Albeda e Gras (2011), ainda, a partícula *ni* pode atuar em predicações não finitas de funcionamento autônomo, que combinam, em geral, a presença de formas verbais não finitas e autonomia sintática e entonativa. Os autores destacam, além disso, o fato de que “[...] nessas construções, formas do subjuntivo e do infinitivo, bem como predições não verbais, dão origem a estruturas autônomas que funcionam como mecanismos de réplica” (Albeda e Gras, 2011, p. 8), oriundas da microconstrução [*ni que* + SV subjuntivo passado], que constitui uma resposta não preferida a uma intervenção anterior.

Também Martínez Caro e Alba-Juez (2021) defendem, para as construções independentes com *ni que* no espanhol, que esses usos apresentam características formais (como o uso do pretérito imperfeito), semânticas (veiculação de hipóteses contrafactuais e manifestação de emoções) e funcionais (funções de réplica) específicas, que as distinguem de suas homônimas subordinadas, conforme se exemplifica abaixo:

(10) —Quédate a vivir conmigo—; ***Ni que*** estuviera loca!—dijo ella y se dio la media vuelta. (Martínez Caro; Alba-Juez, 2021, p. 12)

(11) [;Uma carta cada día] ***Ni que*** yo fuese Umbral.

a. No escribiría una carta cada día ***ni que*** yo fuese Umbral. (Martínez Caro; Alba-Juez, 2021).

Sob um viés semântico-pragmático, as autoras apontam que construções como (10) contém um significado expressivo que vai além do mero significado representacional ou de verdade condicional, que é ausente de sua contraparte subordinada. Comparando-se as orações subordinadas introduzidas por este conectivo, como em (11a), a seus pares insubordinados, as autoras concluem que o significado concessivo ligado à oração dependente é de alguma forma perdido ou não encontrado na subordinada. Tal afirmação está ligada à associação de aspectos pragmáticos como o desencadeamento de pressuposições contrafactuais, à organização do discurso, ao domínio emotivo e à realização de atos de fala expressivos (cf. Martínez Caro; Alba-Juez, 2021).

Em (10), a construção com *ni que* é utilizada como um mecanismo de fechamento de tópico que, ao mesmo tempo, mostra o desprezo e o aborrecimento do falante em relação à sugestão de que ele pode falar de uma determinada maneira. Em (11) e em sua paráfrase, em (11a), por sua vez, há, consoante as autoras, uma diferença que reside no significado semântico-pragmático e que está além do mero significado representacional ou de verdade-condicional, ao passo que (11) transmite um significado expressivo, ausente de seus homólogos subordinados (cf. Martínez Caro; Alba-Juez, 2021). Por meio da oração introduzida por *ni que*, em (11), o falante não tem o objetivo de transmitir uma informação nova, tendo em vista que ele não é, de fato, o escritor espanhol Umbral, mas sim de veicular um significado expressivo por meio de uma pressuposição enfaticamente negada (a de que não escreveria uma carta por dia).

A partir das exposições realizadas ao longo das seções anteriores, buscou-se demonstrar que, apesar de a insubordinação ser um fenômeno regular descrito em uma considerável variedade de línguas, e dispor de um conjunto razoável de pesquisas para o português brasileiro, sobretudo no que diz respeito às orações condicionais com *se*, faz-se necessário expandir o escopo de análise a conectivos e construções não prototípicas, como as insubordinadas com *nem que* e *nem se*. Dadas as zonas de intersecção e sobreposição entre condicionais e concessivas já atestadas pela literatura (cf. König, 1986), bem como o aparato teórico-metodológico fornecido pela perspectiva cognitivo-construcional, intenta-se, então, investigar, os padrões formais e funcionais que caracterizam as construções insubordinadas condicionais-concessivas introduzidas por *nem que* e *nem se*, ainda não descritas no português brasileiro, observando-se suas semelhanças e particularidades.

Procedimentos metodológicos

Com o fito de realizar esta investigação, e baseados em uma metodologia qualitativa, foram selecionadas ocorrências de construções condicionais-concessivas insubordinadas introduzidas por *nem que* e *nem se* no *Corpus do Português* (Davies; Michael, 2007), no *subcorpus* Gênero/Histórico. O recorte realizado para este estudo compreende as ocorrências disponíveis para o século XX (1900s) do português brasileiro, que contém registros de língua escrita e falada do português do Brasil e de Portugal. A escolha por esse recorte intenta expandir os resultados encontrados em Lira (2024) a

respeito das orações com *nem se* nos séculos XVIII e XIX e de fornecer pistas para as investigações sobre as orações com *nem que* no português contemporâneo.

Deve-se ressaltar, de modo adicional, que, em virtude de o item *nem*, no português brasileiro, dispor de diferentes funções sintáticas e semânticas, e de que a busca por sua combinação com as partículas *que* e *se* no *corpus* podem resultar em ocorrências sem o sentido condicional-concessivo pretendido para este trabalho, conforme ilustram os exemplos a seguir, toda a coleta foi realizada manualmente, e as análises feitas de modo individual, a fim de captar as singularidades de cada construção. São, assim, alguns exemplos de dados descartados:

(12) Consiga um pouco d' água, por favor! O velhote parecia não ouvir, embora o olhasse.

- Tou morrendo de sede. Serve da torneira. De qualquer torneira.

O velhote faz um ar de riso, os dentes podres aparecendo, a língua vermelha aparecendo. Não responde, não diz que sim, ***nem que*** não, apenas sorri e é um riso imbecil, como se fosse um louco que ali estivesse, com aquele imenso saco.

(19:Fic:Br:Louzeiro:Pixote)

(13) Na primeira semana tentou reagir. Além de acabar submetido, ainda apanhava. A marca no rosto foi da dentada que o negrão lhe dera. Já não tinha mais esperança de reabilitar-se. Não sabia mais, sequer, por que fora parar ali.

Nem se esforçava em recordar. (19:Fic:Br:Louzeiro:Pixote)

No exemplo em (12), a partícula *nem* atua como conjunção coordenativa aditiva, relacionada à oração negativa anterior, introduzida por *não*, seguida pela conjunção integrante *que*, complemento do verbo elíptico *diz*, presente na oração que o antecede. Em (13), a oração iniciada por *nem*, embora separada por ponto, articula-se ao período anterior e exerce também a função de conjunção coordenada aditiva, ao passo que o item *se* assume o papel de pronome reflexivo. Serão considerados, aqui, apenas casos em que a conjunção integrante *que* e a conjunção condicional *se* formem, com *nem*, um único item gramatical, isto é, um conectivo que introduza orações subordinadas condicionais-concessivas.

Nesse sentido, por meio da comparação dos usos de orações subordinadas prefaciadas por esses dois conectivos, objetiva-se alcançar uma descrição satisfatória dessas construções por meio da verificação de aspectos formais e funcionais, tais como

tempo e modo verbais empregados; manutenção dos parâmetros de condicionalidade (cf. Dancygier, 1998) e suas funções pragmático-discursivas (cf. Evans, 2009; Hirata-Vale, 2015; Martínez Caro; Alba-Juez, 2021).

Análise e discussão dos resultados

A partir da verificação desses parâmetros nas ocorrências insubordinadas com *nem que* e *nem se*, enquadradas como um subtipo de condicionais escalares e não abordadas nesses estudos, pode-se então estipular em que medida elas aproximam-se ou distanciam-se das orações condicionais prototípicas e também se/como podem diferir entre si, a depender do uso de cada conectivo.

Nas ocorrências analisadas para este artigo, no entanto, a ausência de uma oração nuclear imediata implica a ausência do parâmetro de *causalidade*:

(14) Josetti continuava a gritar:

- Canta, Manfredo! Eu tenho aqui na gaveta um " 38 " para acabar com a valentia de quem aparecer querendo fechar o bar. Aquele negócio de Santinha foi porque eu não estava aqui. - **Nem que tu estivesse.**

- Nem que tu estivesse, tu escalavas a liberdade. (19:Fic:Br:Holanda:Burro)

(15) Porque, pelo amor de Deus. Quem vai dar quase meio milhão por um exemplar de livro riscado? Tudo bem, são anotação originais da J.K. e tem alguns desenhos dela também, mas por favor... é MUITO dinheiro. **Nem se eu fosse de rica.** E olhe que eu amo a série. Mas tenha dó. (garotaselivros.com)

Nos exemplos acima, observa-se que não se estabelece a sequência lógico-semântica básica presente nas condicionais prototípicas, isto é, condição > consequência. Deve-se notar, contudo, que apesar de não haver o estabelecimento da relação causal hipotetizada, típica nas condicionais (*se estivesse, escalaria a liberdade* e *se fosse rica, daria quase meio milhão por um exemplar de livro*) nem a negação dessa relação, típica nas concessivas (*embora estivesse, não escalaria a liberdade* e *embora fosse rica, não daria quase meio milhão por um exemplar de livro*), a relação de causalidade é mantida a nível textual-discursivo, uma vez que podem ser resgatadas marcas linguísticas que estabelecem com a oração insubordinada algum tipo de relação causal, conforme se verifica nos trechos sublinhados.

Conforme as análises de König (1986) e Dancygier (1998), o exame das ocorrências insubordinadas demonstrou que, para ambos os conectivos, *nem que* e *nem se*, as construções condicionais-concessivas preservaram o traço de *não-assertividade*, característico das orações condicionais, que diz respeito à capacidade de projetar, no futuro, um conteúdo tido pelo falante como provável ou possível, mas não afirmada (como a possibilidade de ser real (16) ou de ser verdadeiro (17)):

- (16) - Sentidos profundamente imorais, estes sentidos morais, que apagam tudo quanto há de emoção poética e de pungente verdade humana em tantas metáforas enérgicas e felizes. - Como quer que seja, eu agora já queria bem à moça, como as mães já amam os filhos ainda no ventre, e detestei a idéia de impor à minha criatura um indumento grotesco. **Nem que ela fosse real!**
(19:Fic:Br:Amaral:Memorial)
- (17) - Não pode ser, Isabel, eu não lhe disse; eu peço perdão a Deus da ideia que formei, quando vi vosmecê deitada, e notei mudança em seu corpo!
- Pra que vosmecê não afogou o filhote, Mãe Cândida? Agora, tem uma fera em casa..
- Não, Isabel, alguma coisa faz com que vosmecê desfaça de si mesma. Mas **nem se o que eu pensei fosse verdade..**
- Pensou, não. É verdade. (19:Fic:Br:Queirós:Muralha)

De acordo com Dancygier (1998, p. 44), as razões pelas quais o conteúdo da cláusula é apresentado como não afirmado são de natureza epistêmica, ou seja, derivam das suposições do falante. Assim, o aspecto particular do conhecimento do falante que faz com que a suposição na cláusula condicional não seja afirmada está codificado, entre outras coisas, nas formas verbais usadas. Nesse mesmo sentido, em (16) e (17), a não-assertividade das construções é marcada pelo uso do pretérito imperfeito do subjuntivo, marca frequente em orações condicionais, utilizadas prototipicamente para indicar probabilidades, incertezas e desejos. Ainda, a presença do verbo *ser* conjugado neste tempo e modo, acompanhado por lexemas que remetem ao campo da realidade/verdade (sublinhados), indicam que o evento referido não pode ser avaliado como real ou verdadeiro e, portanto, não-assertivo.

Também relacionado à morfologia verbal, o parâmetro de *predição* refere-se à capacidade de a construção condicional projetar ou se referir a uma situação futura. No

corpus analisado, a predição é a única marca que difere as orações com *nem que* das orações com *nem se*: dos três tempos e modo verbais encontrados (pretérito imperfeito do subjuntivo; presente do subjuntivo e futuro do subjuntivo), apenas o primeiro é comum a ambas as construções, enquanto o presente do subjuntivo é licenciado somente nas construções com *nem que* e o futuro do subjuntivo é marca exclusiva das construções com *nem se*:

(18) A fazenda veio abaixo. Sofia enlouqueceu, arrebanhou Paulo Bento nos lados do cafezal, exigindo punição ao autor da peripécia:

- **Nem se for um filho meu.** O feitor dessa tragédia não escapará da morte.

(19:Fic:Br:Abreu:Santa)

Nas orações condicionais prototípicas, a predição é marcada pela combinação de formas verbais que se referem a uma situação futura “[...] que é concluída a partir de determinada situação também não realizada e diferente do momento de enunciação” (Oliveira, Hirata-Vale, 2017, p. 307). Nas orações insubordinadas condicionais-concessivas deste estudo, ainda que não haja uma oração nuclear que estabeleça, com a oração subordinada, uma situação realizável a partir de uma condição, observa-se que o uso do futuro do subjuntivo, encontrado apenas nas orações com *nem se*, direciona a interpretação do ouvinte para um futuro avaliado pelo falante como provável.

Em (18), a prótase (*Nem se for um filho meu*) é utilizada pela personagem para indicar sua crença na possibilidade de o culpado ser seu próprio filho. Acredita-se que a preservação desse traço está diretamente relacionada à própria composição do conectivo que prefacia cada construção, dado que as formas verbais futuras são condicionadas pela presença da conjunção condicional *se*, que se une a *nem* para formar a conjunção condicional-concessiva. Tal afirmação pode ser corroborada pelo teste da combinação desta mesma forma verbal ao conectivo *nem que*, que resultaria em agramaticalidade: *nem que for um filho meu*.

O presente do subjuntivo, usado apenas nas orações introduzidas por *nem que*, por outro lado, embora possa, conforme a literatura, ser utilizado como um meio de referência temporal futura, não prediz necessariamente um evento futuro nestes casos, mas parece indicar a possibilidade de que o conteúdo se realize, mesmo sem uma determinação temporal explícita:

(19) - Há instantes lembrastes as minhas conversas sobre a possibilidade do teu casamento. Pois bem. Dize-me cá: se casares com ele, continuaríamos os dois os mesmos?

Madame Vargas - Mas é indecente o que fazes_ Não estás no teu juízo. Tudo o que dizes é desvario.

Carlos - Porque eu sei que não será, compreendes? Eu sei. Ele adquiriu-te completa com a estupidez e o dinheiro. Já viste um imbecil enganado pela mulher?

Nem que case com uma meretriz! (19:Fic:Br:Rio:Vargas)

(20) Se você me quisesse bem, chamava pra um serviço, nem que fosse pra catar cafuné. Não chamava Rita, só, que é a quem chama. E eu não sirvo de nada.

- Era o que faltava! ter ciúme da amizade de uma escrava velha! Pois você não está me ensinando a fazer flores?

- Ora! isso não é nada!

- Então agora é você que me cata cafuné, chasqueou Dusá. Mas fique sabendo que, quando eu quero, Rita agüenta até eu dormir. Quer assim?

- **Nem que seja a noite inteira!** (19:Fic:Br:Rocha:Dusa)

Em (19) e (20) os eventos codificados pelo presente do subjuntivo atuam como uma réplica ao discurso precedente e não indicam, por sua vez, o direcionamento de um evento situado no futuro, mas apontam a possibilidade de que eles ocorram. Em (19), o caráter incerto do evento da construção condicional-concessiva é reforçado pela presença de marcas lexicais que remetem à possibilidade (*possibilidade do teu casamento*) e incerteza (*se casares com ele*). Em (20), a imprecisão de referência temporal da oração insubordinada está incluída em uma moldura hipotética também construída por orações condicionais (*se você me quisesse bem/quando eu quero*).

Quanto à *construção de espaços mentais* alternativos, nota-se que esse é um traço mantido tanto pelas construções com *nem que* quanto pelas construções com *nem se*, visto que ambas reportam o leitor para um espaço mental diferente do espaço base:

(21) Os homens andavam agora na floresta escolhendo uma árvore alta e reta, bem linheira. Encontraram certo pau mulato que parecia ter sido plantado para aquilo mesmo.

- Benza-o Deus, disse o Balbino. **Nem que o Divino tivesse criado ele especialmente p' ra mastro.** (19:Fic:Br:Morais:Igaraunas)

- (22) Ora, se brasileiros, nas décadas de 1960-70, não conseguiram convencer o povo sobre o comunismo, vão ser 6.000 míseras « cabeças » estrangeiras, em um país de 200 milhões, que vão revolucionar a mentalidade do povo? **Nem se eles tivessem direito ao uso das rádios...** Que venham os cubanos!!! (forte.jor.br)

De acordo com Oliveira e Hirata-Vale (2017, p. 310), “a condicional é o espaço fundação que contém os termos para a validação temporária de um espaço expansão, projetado a partir do espaço fundação”. No caso das orações insubordinadas, embora não haja a projeção de um espaço expansão, nota-se que um espaço mental alternativo é construído a partir do uso dos conectivos, visto que se parte de um cenário implícito (base) - o de *o Divino ter criado a árvore especialmente para mastro* (21) e o de *os estrangeiros terem direito ao uso das rádios* (22) - para a elaboração de um cenário hipotético contrafactual, no qual esses cenários existiriam, marcado pelo pretérito imperfeito do subjuntivo.

Conforme se observou na apresentação dos parâmetros anteriores, o uso dos tempos e modos verbais nas construções condicionais cumprem um importante papel semântico. De modo adicional, no nível pragmático, o último parâmetro mencionado por Dancygier (1998), e desenvolvido por Fillmore (1990), a *postura epistêmica*, diz respeito ao grau de associação ou dissociação mental do falante em relação ao conteúdo descrito na prótase. Por meio desse critério, o falante pode sinalizar seu comprometimento (postura epistêmica positiva), o desconhecimento em relação à efetivação do conteúdo (postura epistêmica neutra) e a impossibilidade de realização/contrariedade das suas expectativas em relação ao evento em curso (postura epistêmica negativa).

Na análise aqui realizada, a maioria dos usos sinaliza a postura epistêmica negativa do falante, marcada, sobretudo, pelo pretérito imperfeito do subjuntivo, ao passo que a ocorrência que utilizou futuro (exemplo 18) e presente do subjuntivo (exemplos 19 e 20) indicaram a postura epistêmica neutra. Os exemplos a seguir ilustram casos de construções de postura epistêmica negativa:

- (23) Existem três qualidades de saci: o saci-trique, o saci-sacurá e o saci-pererê. Um é moreninho, de olho preto; outro é cafuzo, de olho vermelho; outro é aço, de olho verde. Todos capengas, com uma perna só. Mas como andam! **Nem que tivessem asa!** (19:Fic:Br:Teixeira:Rua)

- (24) Ouvi o caso de um político filipino (também é uma fofoca e por isso não mencionei no texto) que tem mais de 100 filhos (de mulheres diferentes, claro... Imagino a pobre mulher que engravidasse de 100 crianças... **Nem se fossem quadrigêmeos!**). (brasileiraspelomundo.com)

Em (23), o falante enuncia a construção avaliada negativamente que indica uma contrariedade às expectativas de seu interlocutor, visto que aquele não acredita na possibilidade de que, mesmo que os sacis tivessem asa, conseguiriam andar tão rápido. Em (24), o falante avalia como impossível a chance de alguém ter mais de 100 filhos, mesmo na hipótese de as mulheres terem quadrigêmeos.

Um traço importante relacionado à marcação de postura epistêmica e ao emprego de tempos e modos verbais nas construções com *nem que* e *nem se* também contribui diretamente na configuração das funções desempenhadas por essas orações a nível pragmático-discursivo. Como parte dos objetivos deste estudo, a análise das funções pragmáticas das orações condicional-concessivas parece revelar aspectos relevantes acerca de sua caracterização.

Inicialmente, pôde-se constatar que a marcação de postura epistêmica negativa, nas construções com *nem que*, não é exclusiva daqueles usos que figuraram no pretérito imperfeito do subjuntivo, mas também nas construções sintáticas que utilizam o presente desse mesmo modo:

- (25) - População paupérrima, onde cada um vai buscar trinta mil réis para se expandir, já não digo dentro do preceito bíblico, mas de acordo com a necessidade. Que se há de fazer? Temos que acabar com a raça. Olhe, meu bem, eu mesmo não pago, haja o que houver. **Nem que eu morra seco..** (19:Fic:Br:Moraes:Igaraunas)
- (26) Serpentina e fantasia para as crianças. Também tinham direito. Nem carro de boi chia tanto. Puxa. E outras cousas. E outras cousas que iriam aparecendo. Entrou no Monte de Socorro Federal. Auxiliado pela Elvira o Totônio tanta malcriação fez, abrindo a boca, pulando, batendo o pé, que convenceu Dona Sinhara.
- Crispiniano, não há outro remédio mesmo: vamos dar uma volta com as crianças.
- **Nem que me paguem!** (19:Fic:Br:Castilho:Laranja)
- (27) Voz cavernosa, tom de quem está ofendido, papai apenas disse:

- Por esta vez passa, mas não tente repetir a façanha, me fazer de bobo, ouviu, dona Ricardina da Silva? Se tentar, então aí vamos acertar as contas pra valer! Vencedora daquela tarde, Ricarda deveria voltar ao programa no fim do ano para a festa dos campeões.
 - Você vai? - quis saber Júlia.
 - Claro que vou! **Nem que chova canivete..** - respondeu ela sem vacilar.
- (19:Fic:Br:Gattai:Cronica)

A tendência à utilização de tempos e modos verbais específicos vai ao encontro do que Hirata-Vale (2015) defende para a caracterização das construções condicionais insubordinadas construcionais, visto que essas orações exibem padrões morfossintáticos mais fixos e servem a funções específicas na língua, como estratégias de polidez, controle interpessoal e à organização discursiva, conforme se mencionou em seções precedentes.

A análise das construções com *nem que* e *nem se* aqui realizada demonstra, de modo semelhante, que no português as orações insubordinadas com conectivos similares àquele discutido por Martínez Caro e Alba-Juez (2021) podem também servir à veiculação de emoções subjetivas do falante, conforme demonstram os exemplos de (25)-(27), acima. Nesses casos, o falante utiliza a oração insubordinada para marcar sua avaliação emocional negativa, nos casos (25) e (26), e positiva, como em (27), para asseverar sua afirmação anterior.

A função *metatextual*, também encontrada no *corpus* analisado, pode ser verificada em usos como (28), a seguir:

- (28) Tia Carlota esmagou o cigarro no cinzeiro (Abdulla tem esse defeito, queima sozinho) tornou a pegar nas mãos da sobrinha, arranhou um ar grave:
- Sabe de uma coisa? Você faz muito bem! Não gosta dele, não case! Depois, você tem dinheiro, não precisa de amparo de ninguém.
 - **Nem que** precisasse.
 - Ora essa. (19:Fic:Br:Castilho:Maria)

Tal função, também encontrada nas CCIIs por Hirata-Vale (2015), apresenta um teor mais retrospectivo (veja-se a repetição do verbo *precisar*, retomado pela condicional-concessiva) e atua na organização textual para veicular um comentário do falante, cujo

objetivo é esclarecer ou reforçar sua opinião, reafirmado pela presença do travessão, que indica o discurso direto.

Conforme se evidencia, as orações insubordinadas com *nem se* e *nem que* podem servir a funções associadas tanto ao domínio (inter)subjetivo, quanto ao domínio textual. Nesse sentido, em consonância aos pressupostos cognitivo-construcionais, percebe-se que as características formais dessas orações parecem revelar aspectos característicos de seu funcionamento semântico-pragmático, posto que a manifestação de significados/funções específicas, como a ironia e a sinalização de postura epistêmica negativa possuem ligação intrínseca com a morfologia verbal empregada nestes usos.

Considerações finais

A investigação proposta neste artigo buscou, de maneira geral, atingir a dois objetivos principais: o primeiro, de ordem teórica, intentou ampliar as discussões acerca das orações condicional-concessivas insubordinadas com conectivos não prototípicos, ainda pouco exploradas no português brasileiro; o segundo, de ordem metodológica, visou testar a plausibilidade de aplicação dos parâmetros de condicionalidade de Dancygier (1998) a essas construções, visto que elas são consideradas, pela literatura, como um subtipo de condicionais.

Retomando-se os questionamentos propostos na introdução deste trabalho, as conclusões a que se chega parecem sugerir que: quanto às características formais, o principal aspecto encontrado nas orações introduzidas por *nem se* e *nem que* é o emprego das formas verbais licenciado por cada construção. Embora o modo utilizado para todas seja o subjuntivo, e ambas utilizem o pretérito imperfeito deste modo, observa-se que há tempos verbais exclusivos para cada conectivo: o uso do presente do subjuntivo é reservado para as orações insubordinadas com *nem que*, ao passo que às orações com *nem se* são reservadas as formas de futuro do subjuntivo.

Quanto às (des)semelhanças entre as orações condicional-concessivas e seus espectros semânticos fonte, a aplicação dos parâmetros de condicionalidade permitiu verificar que, com as orações condicionais, as construções com *nem se* compartilham os traços de *predição*, *não-assertividade* e *construção de espaços mentais*, enquanto as orações com *nem que* mantêm apenas os dois últimos. Com as orações concessivas, o que se identifica é a permanência de uma forte semântica argumentativa, motivada pela escalaridade da construção, que combina, na prótase, um conjunto de circunstâncias

desfavoráveis e seleciona o argumento mais forte, o que, por sua vez, explica o funcionamento dessas construções em contextos de *réplica* e *refutação* e reforça o caráter dialógico originário da concessividade.

Por fim, a baixa manutenção dos parâmetros de condicionalidade encontrados nos dados analisados permite atestar que, apesar de encontrada apenas uma construção de *nem se* no futuro do subjuntivo, dentro do espectro condicional, as construções insubordinadas com *nem se* compartilham mais traços com as condicionais prototípicas, ao passo que as construções com *nem que* distanciam-se mais desse polo condicional. Esse resultado é ratificado, ainda, pela maior quantidade de ocorrências com *nem que* que representam expressões já cristalizadas na língua, como *nem que chova canivete* e *nem que me paguem*, formalmente mais fixas e semanticamente mais opacas.

REFERÊNCIAS

ALBEDA, M.; GRAS, P. La partícula escalar *ni* en español coloquial. In: GONZÁLEZ, R.; LLAMAS SAÍZ, C. (eds.). **Gramática y discurso. Nuevas aportaciones sobre partículas discursivas del español**. Pamplona: EUNSA, 2011.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 39 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BEIJERING, K. Semi-insubordinate at-constructions in Norwegian: formal, semantic and functional properties. **Norsk Lingvistisk Tidsskrift**, v. 34, n. 2, p. 161-182, 2016.

BEIJERING, K. Semi-insubordinate dat-constructions in Dutch: formal, semantic and functional properties. **Nederlandse taalkunde**, v. 22, n. 3, p. 333-357, 2017.

COMARIM, M. J. B.; HIRATA-VALE, F. B. M. A expressão de desejos em construções condicionais insubordinadas com “se ao menos”. **Entrepalavras**, v. 13, n. 1, p. 265-284, 2023.

CORADINI, M. C. **Construções condicionais insubordinadas com a conjunção se no português: uma análise diacrônica à luz da gramática de construções**. 2022. 168 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022

CONEGLIAN, A. V. L. **Os juntivos causais e concessivos do português brasileiro na perspectiva cognitivo-funcional: uma análise da ligação conceptual dos elementos gramaticais em uso nessa zona adverbial**. 2015. 190 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

CONEGLIAN, A. V. L. **A expressão do significado concessivo no português brasileiro: as construções gramaticais na interface com padrões e sistemas cognitivos**.

2019. 128 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.

DANCYGIER, B. **Conditionals and predication** (Cambridge Studies in Linguistics). Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

DAVIES, M., MICHAEL, F. **Corpus do Português**: 45 milion words, 1300s-1900s, 2007. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 12 dez. 2024.

DECAT, M. B. N. “**Leite com manga, morre!**”: da hipotaxe adverbial no português em uso. 1993. 287 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica, 1993. de São Paulo, São Paulo, 1993.

D’HERTEFELT, S; VERSTRAETE, J. C. Independent complement constructions in Swedish and Danish: Insubordination or dependency shift? **Journal of Pragmatics**, [S. l.], n. 60, p. 89-102, 2014.

D’HERTEFELT, S. **Insubordination in six Germanic languages**. 2015. 229 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Katholieke Universiteit Leuven - Leuven, 2015.

DOMÍNGUEZ GARCÍA, M. N. Marcadores del discurso en contextos de emoción. **ELUA: Estudios de Lingüística**. Universidad de Alicante, [S. l.], n. 37, p. 155-183, 2022.

EVANS, N. Insubordination and its uses. In: NIKOLAEVA, I. (Ed.). e **Finiteness.: Theoretical and Empirical Foundations**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 366-431.

EVANS, N. Insubordination and the grammaticalization of interactive presuppositions. **Paper presented at Methodologies in Determining Morphosyntactic Change**, Osaka, 2009.

FILLMORE, C. Epistemic stance and grammatical form in English conditional sentences. In: CHICAGO LINGUISTIC SOCIETY, 26., 1990, Chicago. **Papers from the Twenty-sixth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society**. Chicago: CLS, 1990. p. 137-162.

FONTES, M. G. Construções concessivas e condicionais-concessivas com ainda que. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), [S. l.], v. 45, n. 1, p. 126-141, 2016.

FONTES, M. G. Construções concessivas escalares: uma abordagem discursivo-funcional. **Revista de Estudos da Linguagem**, [S. l.], v. 31, n. 3, p. 1303–1343, 2024. DOI: [10.17851/2237-2083.31.3.1303-1343](https://doi.org/10.17851/2237-2083.31.3.1303-1343). Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/55150>. Acesso em: 6 dez. 2025.

GRAS, P. **Gramática de construcciones en interacción**. Propuesta de un modelo y aplicación al análisis de estructuras independientes con marcas de subordinación en

- español. 2011. 580 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Barcelona, Barcelona, 2011.
- HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. Baltimore: E. Arnold, 1985.
- HASPELMATH, M.; KÖNIG, E. Concessive conditionals in the languages of Europe. In: VAN DER AUWERA, J. (ed.). **Adverbial constructions in the languages of Europe**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1988. p. 563-640.
- HIRATA-VALE, F. B. M. **A hipotaxe adverbial condicional no português escrito contemporâneo do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras – Unesp, 1999.
- HIRATA-VALE, F. B. M. **O processo de insubordinação nas construções condicionais do português do Brasil**. Relatório científico de estágio pós-doutoral. Katholiek Universiteit Leuven, Leuven, Bélgica, 2015.
- HIRATA-VALE, F. B. M. Construções condicionais insubordinadas no português: usos metatextuais. **Estudos linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 46, p. 83-97, 2017.
- HOPPER, P. J. TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- KÖNIG, E. Conditionals, concessive conditionals and concessives: areas of contrast, overlap and neutralization. In: TRAUGOTT, E. C. *et al.* (eds.). **On conditionals**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 229-246.
- LIRA, A. de. **Análise funcionalista das orações condicional-concessivas no português dos séculos XVIII e XIX**. 2024. 112 f. Monografia (Licenciatura em Letras - Português/Francês), Universidade Estadual de Alagoas, Arapiraca, 2024.
- MARTÍNEZ CARO, E; ALBA-JUEZ, L. The expressive function of the *ni* que insubordinate construction in Spanish. **Languages**, [S. l.], v. 6, n. 4, p. 161, 2021.
- MITHUN, M. The extension of dependency beyond the sentence. **Language**, [S. l.], v. 84, n. 1, p. 69-119, 2008.
- MOSSBERG, M. Étude contrastive français-suédois des subordonnants conditionnels concessifs même si et även om. **Studia Neophilologica**, [S. l.], v. 81, n. 2, p. 183-206, 2009.
- NEVES, M. H. M. **A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros**. São Paulo: Parábola editorial, 2012.
- NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2011.
- PARRA, B. G. G. **Uma investigação discursivo-funcional das orações concessivas introduzidas por aunque em dados do espanhol peninsular**. 2016. 169 f. Dissertação

mestrado (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2016.

PORROCHE, M. Aspectos del uso de *ni* como marcador discursivo. In: TOVAR, J. J. B. (coord.). **Lengua, Discurso, Texto: I Simposio Internacional de Análisis del Discurso**. vol. 1. Madrid: Visor Libros, 2000. p. 669-682.

SANSIÑENA, M. S. P. **The multiple functional load of *que***: an interactional approach to insubordinate complement clauses in Spanish. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Katholieke Universiteit Leuven, 2015.

SANSIÑENA, M. S.; DE SMET, H.; CORNILLIE, B. Between subordinate and insubordinate. Paths towards complementizer-initial main clauses. **Journal of Pragmatics**, [S. l.], v. 77, p. 3-19, 2015.

SANTOS, G. A. de S. **Um estudo discursivo-funcional das orações concessivo-condicionais iniciadas por *nem* e *nem que* no português brasileiro**. 2022. 200 p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. **Regularity in Semantic Change**. (Cambridge Studies in Linguistics 97.) Cambridge: Cambridge University Press. 2002.

VAN LINDEN, A.; VAN DE VELDE, F. (Semi-)autonomous subordination in Dutch: Structures and semantic-pragmatic values. **Journal of Pragmatics**, [S. l.], v. 22, n. 8, p. 226-250, 2014.

WIEMER, B. On illusory insubordination and semiinsubordination in Slavic: Independent infinitives, clause-initial particles and predicatives put to the test. In: Karin BEIJERING, K., KALTENBÖCK, G.; SANSIÑENA, M. S. (eds.) **Insubordination: Theoretical and Empirical Issues**. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2019, pp. 107-166. <https://doi.org/10.1515/9783110638288-005>

Como referenciar este artigo:

LIRA, Amanda de; HIRATA-VALE, Flávia Bezerra de Menezes. Descrição e análise de construções insubordinadas com *nem que* e *nem se* no português brasileiro. **revista Linguagem**, São Carlos, v.49, n.1, p. 100-125, 2025.

Submetido em: 06/04/2025
Aprovado em: 22/08/2025